

# RECENSÕES

**Leite, Carlinda (Org.) (2010). *Sentidos da pedagogia no ensino superior*. Porto: CIEE/Livpsic.**

A obra intitulada *Sentidos da Pedagogia no Ensino Superior*, publicada em 2010 sob a chancela do CIEE e organizada por Carlinda Leite, reúne um conjunto de nove textos que têm em comum o cruzamento dos dois eixos que o título encerra, a saber: a pedagogia e o ensino superior. Os textos incluem estudos teóricos e de reflexão sobre os desafios e os debates que a adopção do modelo de Bolonha acarretou para a prática pedagógica no ensino superior, enquanto outros descrevem, na primeira pessoa (às vezes no plural colectivo de uma equipa encarregue de uma unidade curricular), modos de refazer essa mesma prática em resposta à necessidade de fazer aprender todos os que acedem ao ensino superior. Nesse conjunto incluem-se dois trabalhos produzidos por duas investigadoras brasileiras que se enquadram, se não na letra, pelo menos no espírito destas duas dimensões. Com efeito, o texto intitulado «Impasses contemporâneos para a pedagogia universitária no Brasil: implicações para os currículos e a prática pedagógica», da autoria de Maria Isabel Cunha, produzido no contexto brasileiro, enquadra-se no mesmo espírito de identificação das mudanças da pedagogia universitária por força das alterações sociais e culturais que se vivem no Brasil e que são marcadas pelo mesmo esforço de garantir o acesso ao ensino superior como medida de maior justiça social. Por sua vez, o texto de

Valeska Oliveira analisa o caso de uma unidade curricular (UC) a que subjaz uma lógica articuladora e reflecte sobre a função formadora e produtiva do sujeito professor, que essa disciplina também potencia.

Os temas específicos sobre que incidem os textos são diversos, mas recaem sobre conteúdos que começam a ser recorrentes nas publicações de referência sobre o ensino superior, como: a inovação de estratégias pedagógicas (incluindo as da avaliação) capazes de mobilizar os estudantes; as componentes ética e reflexiva da profissionalidade docente; a formação pedagógica dos professores; a definição de modos de avaliar coerentes com o modelo de Bolonha; e os pressupostos comunicacionais que servem melhor a relação pedagógica necessária ao ensino superior.

Lendo nas entrelinhas dos textos, todos eles têm suposta uma concepção de universidade (pese embora o título se referir ao ensino superior, todos os textos se reportam a dados ou a reflexões que se sustentam sobre o âmbito do ensino universitário) que nem sempre é explicitada, bem como ensaiam responder à questão sobre as novas exigências que são feitas aos professores do ensino superior.

Utilizando a tipologia que serve a uma das autoras (Manuela Esteves) para categorizar as concepções de universidade como liberal, de serviço ou de investiga-

ção, constatamos que estas também poderão ser linhas de análise para as propostas pedagógicas que são apresentadas nos diversos textos. Isto é, se a universidade precisa de ser «mais do que um ensino secundário avançado» e promover entre os estudantes competências de investigação, é necessário que o trabalho pedagógico contribua para lhes dar corpo. Pelo menos cinco dos textos que se incluem no livro subscrevem, de uma forma ou de outra, esta ideia.

A outra tendência que emerge das entrelinhas dos textos visa identificar aquelas que são as características necessárias aos actuais professores do ensino superior, tomadas urgentes por efeito da massificação do acesso a este nível de ensino e quando as suas finalidades devem servir, não já para formar elites, mas para assegurar uma formação coerente aos estudantes capaz de promover a sua empregabilidade. Por isso, a procura da significância curricular (da UC sobre que se conta a experiência, ou das novas formas de trabalho pedagógico para que a legislação sobre Bolonha remete) e a reflexividade parecem ser as características mais evidenciadas e mais necessárias aos professores, quer nas argumentações teóricas, quer nos casos exemplares de que a obra dá conta.

O livro tem, assim, subjacente um perfil desejável de professor do ensino superior, que ajudou a construir as narrativas pedagógicas que nele são descritas.

Uma constatação imediata é a de que esse perfil é desejável, pelo menos para figurar como uma lista de evidências, com a qual cada um pode comparar-se quando reflecte sobre as suas próprias práticas.

Tomando como elementos de definição compósita desse perfil aqueles que são os aspectos recorrentes dos textos e arriscando construir uma espécie de *frankenstein* pedagógico (a exemplo do que refere um dos autores – Rui Trindade), poderíamos listar as seguintes qualidades como necessárias aos professores do ensino superior: precisa de ser um sujeito ético, um investigador, um comunicador; precisa também de ser capaz de organizar

a sua acção profissional segundo uma lógica de articulação curricular vertical e horizontal e ainda capaz de competências reflexivas suficientes para «ensinar geografia a João», e isto acontece «quando domina o conhecimento da geografia (aqui tomada como exemplo), desenvolve os saberes próprios do ensino e conhece João» (p. 70). Esta última exigência significa, na metáfora, outro desafio que é também uma constante duma boa parte dos textos que compõem o livro. Referimo-nos à importância da formação necessária para se ser professor no ensino superior, que não é mais um assunto do domínio científico dos assuntos dos quais se é especialista. De facto, o que uma das autoras identificou como uma das «revoluções silenciosas» do ensino superior é a que obriga os professores a questionar as suas trajectórias de formação, na maioria dos casos muito distanciada das exigências dos novos alunos de hoje.

O livro faz-nos induzir a convicção de que a recente maior visibilidade da pedagogia no ensino superior não é apenas uma resposta rápida à massificação dos alunos, mas tem a ver com as estruturas mais fundas que caracterizam as práticas habituais de pensamento e de valores que atravessam as instituições de ensino superior, que finalmente se dispõem a reflectir sobre si como condição de criação de uma nova ordem de experiências formativas. As situações que nele se relatam são disso uma evidência forte.

Um livro, qualquer livro (mesmo até qualquer objecto cultural), torna-se mais importante para os seus leitores não pelas questões que resolve, mas pelas questões que suscita, mesmo ao nível pessoal, a quem o lê. Ler este livro não me tornou melhor professora, porque o não sou, mas permitiu-me alargar os meus horizontes de investigação sobre o tema.

Ana Mouraz

CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas  
FPCEUP